

TESE UNIDADE PRA LUTAR AO XVII CONSINTEST

Em busca da unidade para reforçar as lutas da categoria

Camaradas, estamos apresentando nesse documento, as ideias do grupo **Unidade pra Lutar** grupo político-sindical formado durante o XXIV Confasubra, que ocorreu em maio de 2023, em Brasília DF. O grupo, na Fasubra, é formado por militantes do coletivo Sindical TLS – Trabalhadoras e Trabalhadores na Luta Socialista e pelos coletivos Fortalecer, Vamos à Luta, Frente Base, Combate Sindical e PSLivre). Atualmente dirigimos o SINTEST-RN, juntamente com valorosos companheiros e companheiras independentes. Somos militantes sindicais, homens e mulheres, de diferentes gerações e etnias, de diversos setores da UFRN e UFERSA que sentem e agem como parte de um amplo movimento de transformação da sociedade, maior que o próprio movimento sindical. Lutadores e lutadoras sociais que assumem a política como espaço e tempo para fazer a história. Na universidade buscamos construir o espaço sindical e, especialmente, o SINTEST-RN como uma ferramenta de luta dos trabalhadores e trabalhadoras da UFERSA e UFRN, dentro dos princípios que regem essa tese. No movimento nacional estamos na direção da Fasubra Sindical, além de reivindicar a CSP-Conlutas, Central sindical e Popular. Reafirmamos a luta em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade referenciada.

I – CONJUNTURA INTERNACIONAL: *Um período sob risco de crescimento da extrema-direita*

- Desafios dos trabalhadores;

A classe trabalhadora e o mundo vivem atualmente uma conjuntura de crescimento da extrema direita com tudo que o termo representa. Essa conjuntura que proporcionou a ascensão de Bolsonaro ao poder, com o apoio dos setores mais reacionários da sociedade brasileira se repete em escala mundial. Na verdade, o bolsonarismo no Brasil é um subproduto da ideologia neofascista que é representada por nomes como Benjamin Netanyahu, o principal defensor do sionismo, Donald Trump, que é uma séria ameaça à democracia no principal país imperialista do mundo, entre outros setores mais reacionários da burguesia neoliberal.

Nos outros países, por enquanto, essa direita não organiza células militantes orgânicas que poderiam ser um passo em direção às milícias (ou grupos armados), mas defende a liberdade de armas, clubes de tiros etc. A tendência é que ela aumente seu poder e a eleição de Trump é um passo nesse sentido. Ele se apresenta como antissistema, mas é a parte mais representativa do sistema capitalista.

Um setor dinâmico das grandes corporações, empresas de tecnologia, passou a apoiar a saída de direita junto com as empresas petrolíferas e outros setores. Na Argentina, os maiores grupos empresariais está apoiando sistematicamente Milei. O neofascismo se

oferece às grandes corporações como a alternativa de “liberdade” para elas, desmantelando os Estados. Essa tendência continuará, pois, a crise não tem saída.

Entretanto, a burguesia mundial continua dividida. Podemos dizer que o setor que rejeita o neofascismo ainda é a maioria o que dá margem para uma resistência dos socialistas e da classe trabalhadora mundial.

Porém a direita não está caminhando por uma avenida sem obstáculos. Há reação do movimento. Além da França, há eleições que, embora não interrompam seu avanço, são importantes, como exemplos. Há o triunfo do Partido Trabalhista na Inglaterra, apesar de seu caráter reformista. Nos EUA, também houve uma reação dos democratas que, pressionados por um possível retorno do Trump, levaram à renúncia de Biden. Kamala Harris pode se transformar em uma candidata que expresse um movimento democrático, ainda que nos marcos de uma política imperialista.

A realidade atual e a perspectiva é que a polarização social e política aumente na medida em que não haja uma saída e a fome, as migrações de guerra e aquelas causadas pelas catástrofes climáticas.

Dois anos de guerra na Ucrânia, na qual a Rússia parece ter consolidado suas conquistas, sete meses de guerra colonial em Gaza – que pode estender se ao Líbano e Irã -, marcam um futuro de mais tensões e guerras, tudo levando a mais crises na ordem mundial.

Na Venezuela, a população é castigada por um processo contraditório onde dois grupos opostos: a ditadura de Maduro e a ultra-direita, que quer retomar o poder, disputam a narrativa de vitória eleitoral. O Governo Lula, com apoio discreto da Casa Branca, tenta mediar o confronto e achar uma solução para a crise causada pelo processo eleitoral.

A comunidade internacional, em sua grande maioria, não reconhecem a vitória do Maduro e o grande motivo são as atas das eleições, que até o momento em que foi escrito esse documento, não foram apresentadas. Apenas as duas superpotências China e Rússia reconheceram de imediato a vitória de Maduro. Enquanto isso a União Européia não reconhece a vitória de Maduro por falta de comprovação através das atas e tampouco reconhece o candidato de oposição como eleito. Situação semelhante acontece com o Brasil onde o Governo Lula não reconhece a legitimidade em nenhum dos dois. EUA, Reino Unido e a maioria dos países da América Latina também não reconheceram até o presente momento a vitória de Maduro.

A crise evoluiu com a expulsão do embaixador da Argentina, seguido de um acordo entre os governos Maduro e Lula para que o governo brasileiro assumisse a custódia da embaixada da Argentina onde estão refugiados vários opositores do regime venezuelano. No dia Sete de setembro, Maduro encerra unilateralmente a custódia do Brasil e cerca a embaixada da Argentina com forças de segurança. O candidato da extrema direita refugia-se na Espanha após ter sua prisão decretada pelas autoridades do governo Maduro. Enquanto isso, a crise permanece. E a grande vítima é o povo que sofre com repressão, ameaças, prisões, fome, sendo obrigados a deixar o país, formando ondas de refugiados principalmente no Brasil, onde é comum encontrá-los nas ruas com seus cartazes pedindo ajuda para comer. Muito triste para um país que é rico em petróleo e paradoxalmente o petróleo é o grande motivo que está por trás de todo esse sofrimento do povo venezuelano. Todos nos sabemos que esse processo começa lá no Chavismo com as tentativas do imperialismo yanque de se apoderar das ricas reservas venezuelanas de petróleo o que causou a resistência na defesa dos seus interesses por parte dos governos venezuelanos. Esse que está sendo escrito agora é só mais um capítulo dessa disputa ideológico-comercial.

A posição da nossa tese é:

- *Pelo fim da guerra na Ucrania!*
- *Pelo fim do massacre na Faixa de Gaza!*
- *defesa do povo venezuelano, inclusive os exilados no Brasil!*
- *liberdade dos presos políticos!*
- *fim do criminoso bloqueio norte-americano, que estrangula há muito tempo a economia na Venezuela, causando fome e dor ao seu povo.*

A crise climática e o risco de tragédias ambientais cada vez maiores

Vivenciamos em primeira mão a tragédia do Rio Grande do Sul, com seus mais de 170 mortos e a devastação de cidades inteiras e bairros de Porto Alegre. Mas não é só no Brasil que as catástrofes se repetem. O nível dos oceanos sobe; a temperatura média cresce de forma assustadora colocando em risco a sobrevivência da própria espécie humana. A ciência estabelece um limite, e já é uma realidade que a vida se tornará cada vez mais difícil. Os super ricos estão se preparando para enfrentá-la, prolongando seu bem-estar em cidades, ou melhor, em cidadelas para si mesmos, enquanto as classes média e trabalhadora são as mais vulneráveis, sofrendo não apenas com o desemprego e os baixos salários, mas também com a destruição de suas casas.

Enquanto na Amazônia, o garimpo ilegal, o desmatamento em terras indígenas, leva ao adoecimento e à morte de comunidades inteiras de povos originários, as queimadas que se espalham pelo sudeste, centro-oeste e norte de nosso país que tem tomado proporções enormes e super alarmantes. O agronegócio está cada vez mais mortal ao nosso meio ambiente. O pantanal e o cerrado ardem em chamas, devastando dois biomas essenciais para a qualidade de vida do povo brasileiro e mundial. O berço das águas e maior bacia hidrográfica subterrânea de nosso país está sendo queimada, ao ponto de chegarmos à uma situação sem volta.

Assim, precisamos lutar e defender a sustentabilidade, negando o capitalismo, buscando novas alternativas de consumo, tomando pra si novas formas de ser e estar no mundo.

- É preciso puxar o freio de mão!

II - CONJUNTURA NACIONAL E LOCAL: *um governo cheio de contradições*

A classe trabalhadora do Brasil conseguiu uma vitória fundamental que foi a eleição de um presidente identificado com os movimentos sociais o que acabou nos trazendo muita esperança de que finalmente as nossas principais demandas seriam atendidas. A vitória do presidente Lula foi antes de tudo a derrota de um projeto, negacionista, fascista, racista, LGBTfóbico. A revogação de medidas que atentavam contra o serviço público, os ataques à educação através dos cortes orçamentários, os nossos salários extremamente defasados, chegando a perdas de aproximadamente 34%, finalmente poderiam ter seus valores recuperados. Entretanto o que estamos vivenciando é um governo cheio de contradições.

Um governo que abre mão do debate sobre o Novo Ensino Médio, deixando o embate por conta daqueles setores que sempre se opuseram à reforma, e do empresariado, que sempre a defendeu é um exemplo bem claro.

Assim como o fim do Programa das Escolas Cívico-Militares (PECIM), no qual deixou de tomar medidas efetivas para conter o avanço do modelo em território nacional deixando a rede pública estadual e municipal à mercê das forças políticas que se articulam em torno do “bolsonarismo”.

Outro fator que gera insatisfação na área da educação são os cortes e contingenciamentos nos orçamentos das universidades e institutos. Com a aprovação do Novo Arcabouço Fiscal, esses cortes e contingenciamentos continuaram, cortando só da saúde e da educação, algo em torno de 3,5 bilhões de reais. Tudo isso para “equilibrar as contas públicas“, onde o pagamento de juros da dívida fica de fora de qualquer

perspectiva de cortes. Esse comportamento contraditório do governo acaba produzindo novos filhotes do bolsonarismo como Pablo Marçal o novo “queridinho da vez. O petismo parece não ter aprendido a lição de governos passados onde a sua dubiedade, ao deixar de defender o lado dos trabalhadores, seu eleitorado preferencial, preferindo flertar com a direita ‘liberal”, acabou gerando o monstro Bolsonaro e seus seguidores.

- Pela revogação do Novo Ensino Médio!

- Pelo fim do ensino militar nas escolas civis públicas!

- Pela revogação da lei do Novo Arcabouço Fiscal!

- Auditoria da dívida pública já com o fim do pagamento dos juros da dívida!

Campanha salarial

Outro fator que causou desconforto na relação dos trabalhadores e trabalhadoras foi a questão salarial na qual estávamos com os salários defasados e congelados desde o final do Governo Dilma até o final de 2022. A perspectiva era de que esse déficit inflacionário de cerca de 42% fosse zerado. O Governo começa 2023 com um reajuste linear de 9% para o serviço público. Em 2024, na campanha salarial dos SPFs o Governo Lula acenou com reajuste zero o que indignou a categoria dos servidores das universidades e institutos federais, e acabou causando a primeira greve unificada do setor da educação federal no atual governo. TAEs, docentes e até estudantes participaram desse movimento cuja pauta geral era a reposição salarial, reestruturação do PCCTAE e recomposição orçamentária das IFES com o fim dos cortes orçamentários.

Uma greve vitoriosa

A greve durou mais de cem dias e acabou, depois de muitas reuniões, caravanas, piquetes com uma avaliação vitoriosa e um reajuste médio de 13,5% que, junto com os 9% lineares em 2023 chegam a 22,5% além de reajuste nos auxílios e reestruturação da nossa carreira, a primeira em quase 20 anos. Dentre as conquistas da nossa reestruturação de carreira, destacamos a redução do interstício de 18 para 12 meses, a aceleração por capacitação, o step de 4% a partir de 2025 e de 4,1% a partir de 2026, a conquista do Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC), além da instalação do grupo de trabalho para efetivação das 30h semanais.

É preciso destacar que estes resultados aconteceram por causa da capacidade de unificar a luta, juntamente com Fasubra, ANDES, Sinasefe, além do Movimento Estudantil. Outro fator diferenciado nessa greve foi o forte apoio dos reitores às universidades através da Andifes. Isto se explica porque os gestores das IFES estavam

com seus orçamentos estrangulados e contavam com a força da greve para conseguir a recomposição orçamentária.

Na UFRN, a força da greve com auditórios batendo recordes seguidos de lotação, além das atividades de mobilização e luta em todos os campi, conseguiu aprovar uma pauta interna que foi objeto de negociação pós greve por uma comissão formada por TAEs e membros da gestão. Podemos dizer que através da nossa luta estamos conseguindo formalizar importantes acordos com a gestão da UFRN. Na Ufersa também os nossos colegas conseguiram negociar um acordo de greve satisfatório.

Mas a luta deve continuar! É fundamental que tenhamos critérios amplos para a implantação do RSC, considerando a diversidade de atuação dos TAEs nos diversos setores da instituição, e que verdadeiramente possibilite a aquisição deste direito por todos e todas, independente do setor de trabalho ou o estágio em que se encontra na carreira. Também é fundamental seguir na luta pela implantação das 30h. Seguimos em alerta até que o governo cumpra todo o acordo de greve.

Além disso, é importante seguir fortalecendo nossa luta internamente. A exemplo do que as atividades nos setores e nos campi do interior demonstraram, é necessário mobilização permanente em defesa das nossas pautas.

- Pelo fim dos cortes orçamentários na universidade!

- Em defesa das 30h para os TAEs!

- Ninguém fica para trás! Pela efetivação do RSC com critérios amplos e abrangentes!

- Em defesa da criação de uma Política de Interiorização na UFRN! É preciso garantir qualidade aos campi do interior, enfrentando a precarização do trabalho!

OPRESSÕES

A violência de gênero precisa ser efetivamente combatida. O feminicídio continua sendo uma das principais formas de violência, mesmo num governo eleito majoritariamente pela classe trabalhadora. Tivemos recentemente um ministro, (dos Direitos Humanos), negro, demitido após denúncia de assédio sexual contra a ministra da Igualdade Racial, também negra. Isso mostra que a opressão o assédio é estrutural e precisa de firmeza nas decisões. Se o governo deu o exemplo ao demiti-lo, aqui na UFRN e também na Ufersa, estamos longe de ver o tema tratado com a seriedade e firmeza necessários.

A violência policial contra a população jovem e negra das periferias continua em alta, a LGBTQIA+fobia cresce de maneira vertiginosa, escancarando o preconceito que grande parcela da população brasileira nutre contra estes setores.

O genocídio dos povos originários, a invasão de territórios quilombolas, não teve um freio, apesar do atual governo ter subido a rampa na sua posse, com a representação destes setores da nossa população e não são combatidos de forma efetiva. Não é política de Estado! Não basta apenas criar estruturas burocráticas para tratar desses temas! É preciso decisão política para o enfrentamento de latifundiários, grileiros, mineradoras para garantir dignidade, respeito e a própria sobrevivência física dessa população cada vez mais vitimizada.

- pelo fim do assédio estrutural!

- Que as minorias, sejam respeitadas.

- Que negras e negros não sejam mais vítimas do racismo estrutural,

- pelo fim da LGBTQIA+fobia, que os sem terra, sem teto e quilombolas, tenham o direito à moradia e à terra, preservados.

- Que nenhuma mulher seja vítima do machismo e da violência de gênero.

Precisamos lutar muito pelas nossas bandeiras de luta tradicionais. Mas também precisamos ir pras ruas denunciar qualquer tipo de opressão ou discriminação. Vamos estar nas ruas, assembleias, plenárias, cobrando esse posicionamento das autoridades e gestões. Garantimos o avanço do ensino público no país e merecemos respeito, valorização e entidades que dirijam a luta da categoria de forma independente e democrática.

Assinam essa tese:

Edson Lima, militante TLS, Coordenação Geral do Sintest RN

Aparecida Dantas, TLS, Coordenação Geral Sintest RN

Kaliane Morais –Coordenação Geral Sintest-RN

Pedro Neto, TLS – Direção Sintest RN

Enoleide Farias, TLS– Direção Sintest RN

Cacau Vasconcelos, TLS – Direção Sintest RN

Mariza Pereira, TLS – Direção Sintest RN

Maria José (Zeza) Amâncio, TLS – Direção Sintest RN

Graça Oliveira, TLS – Direção, Sintest RN

Rodrigo Santos, TLS– Direção Sintest RN

Chagas Lima, TLS - Direção Sintest RN

Fran Silva - Direção Sintest RN

Priscila Siméia - Direção Sintest RN

Rudna Angélica - Direção Sintest RN

Marcílio Nunes- Direção Sintest RN

Irene de Souza - Direção Sintest RN

Tiago Lincka – TLS

Matheus Lacerda – TLS

Joseneide Costa Soares – Delegacia sindical de Santa Cruz

Rita Campelo – Aposentada

Miqueias Araújo – Laboratório de Química

Ademar Lopes – Divisão de Segurança DSP
Marcio Dantas - FELCS
Joselito Barreto Costa – FELCS
Bezerra de Medeiros Soares - FELCS
Ana Luiza Medeiros - FELCS
Jacinto Fernandes Dantas - FELCS
Gervasio Araujo - FELCS
Célio Oliveira - FELCS
Cleomara Cristina - FELCS
Fernando Rodrigues da Silva - FELCS
Jose Aldecyr Dantas - FELCS
Alfrana Macedo - FELCS
Severino Dionisio Filho - FELCS
Roberto Goncalves - FELCS
Francisco Lourenço Dantas - FELCS
André Tavares Duarte - FELCS
Tercia Leda – FELCS
Priscila de Melo Evangelista Maia - EMCM
Raqueline Varela de Souza - EMCM
Suelena Gurgel - EMCM
Igor Farias de Medeiros - EMCM
Antônio Sebastião de Lima - EMCM
Francisco das Chagas Medeiros - CERES
Amanda Kelly Belo da Silva – CERES
João Inácio Soares – CERES
Elísio Pereira de Araújo Junior – CERES
Maria Aparecida da Cruz Tavares Pereira – CERES
Leide Bastos de Medeiros – CERES
Maria Onilda de Medeiros – CERES
Severino Junior Monteiro – CERES
Reilda de Medeiros Maia Lima – CERES
José Medeiros Ferreira – CERES
Jean Augusto Henrique – CERES
Philippe Manoel de Barros– CERES
Marcos Dantas – CERES
Francisco das Chagas batista – DSP
Edna Maria Araújo da Silva – CCE
Conceição de Maria Carvalho Caldas - HUOL